

BEM – VINDO AO MUSEU CASA DE PORTINARI !!!

Através desta publicação que agora chega às suas mãos compartilhamos, com muita alegria, o sonho de abrir as portas do Museu Casa de Portinari para uma visita diferente, tornando-o cada vez mais conhecido por um número maior de pessoas.

A Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari tem se dedicado, desde a sua fundação, a implementar ações que valorizem e dêem visibilidade ao Museu Casa de Portinari e vê neste trabalho uma oportunidade sem precedentes e uma importante conquista para sua divulgação, apreciação e respeitabilidade.

A Casa de Portinari para além da residência do pintor na sua terra natal, com seus móveis, utensílios e particularidades sempre foi o seu refúgio sagrado; para onde Portinari vinha em busca de inspiração. Aqui na sua casa Candinho renovava suas forças, sob o céu estrelado das noites de Brodowski, o seu chão de terra roxa, os seus cafezais e as suas paisagens, repletas de tons e nuances que inspiravam a sua inconfundível paleta; onde o artista era livre e sua imaginação podia voar como as pipas eternizadas em suas telas...

Sua casa de Brodowski, elo indestrutível com as raízes, com as origens, com a família, seu alicerce e referencial; local para se descobrir artista, para praticar sua vocação e cultivar o seu talento.

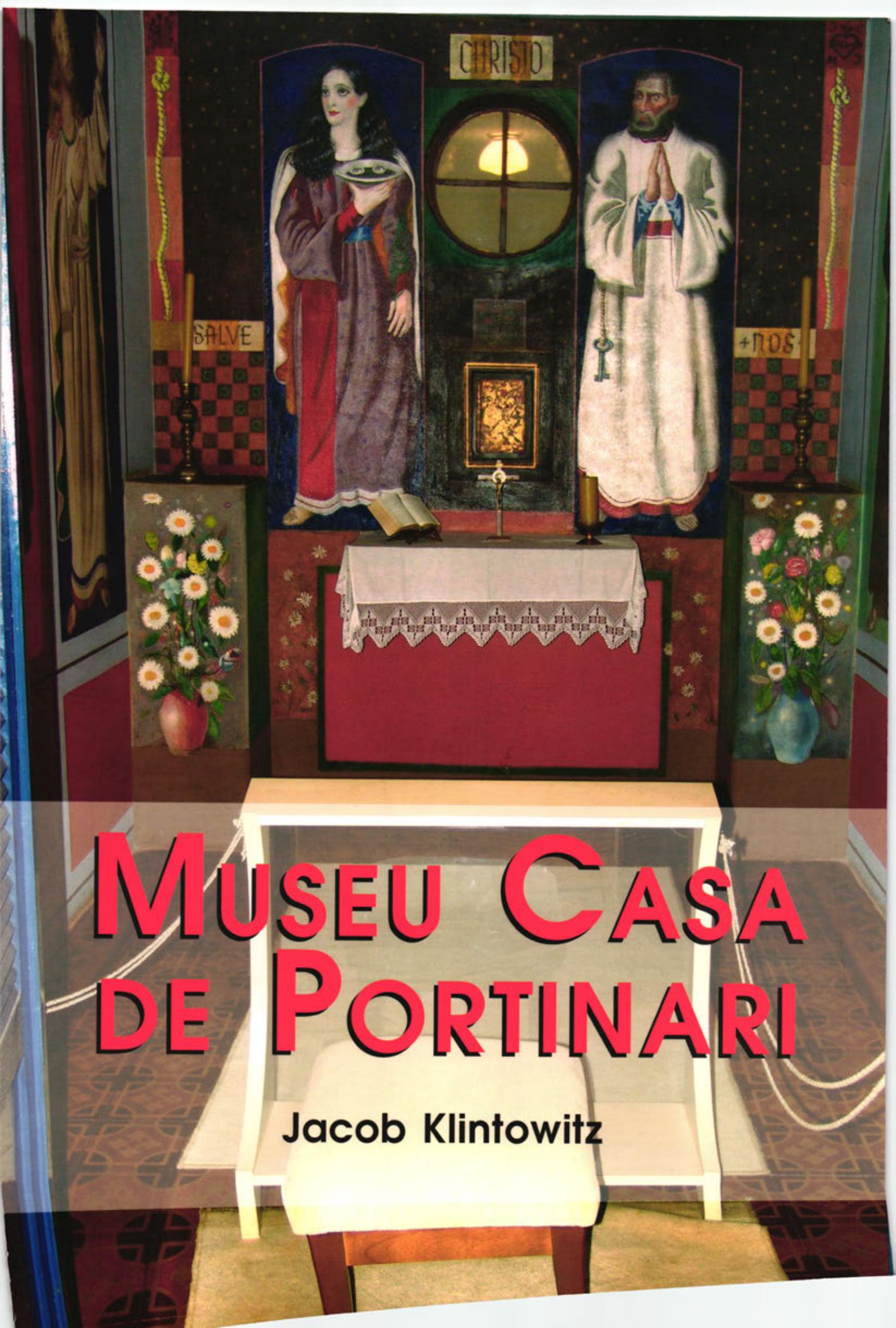
Sua casa de Brodowski, espaço de muito trabalho e novas experiências, buscas que transformaram paredes em obras de arte ímpares no conjunto de sua obra, no patrimônio e no cenário artístico-cultural brasileiro.

Objetos que impregnados por vivências contam uma história de vida, de um pintor que se não fosse pintor, queria ser pintor; de muitas vidas marcadas por sonhos, alegrias, lágrimas e trabalho, muito trabalho dos imigrantes italianos que aportaram em nossas vidas modificando-as para sempre.

Roseiras em flor, aromas e perfumes que permeiam o ar e embalam corações, a natureza que renova seu ciclo; religiosidade e fé marcantes; uma atmosfera inigualável de arte, poesia, trabalho, força e simplicidade arrebatadoras; assim é a Casa de Portinari; o Museu Casa de Portinari caminho obrigatório e incomparável para conhecer e se aproximar de Candido Portinari, da sua inigualável e insuperável grandeza, do que mais verdadeiramente representa a gente e as coisas do Brasil.

Angelica Fabbri
Diretora do Museu Casa de Portinari



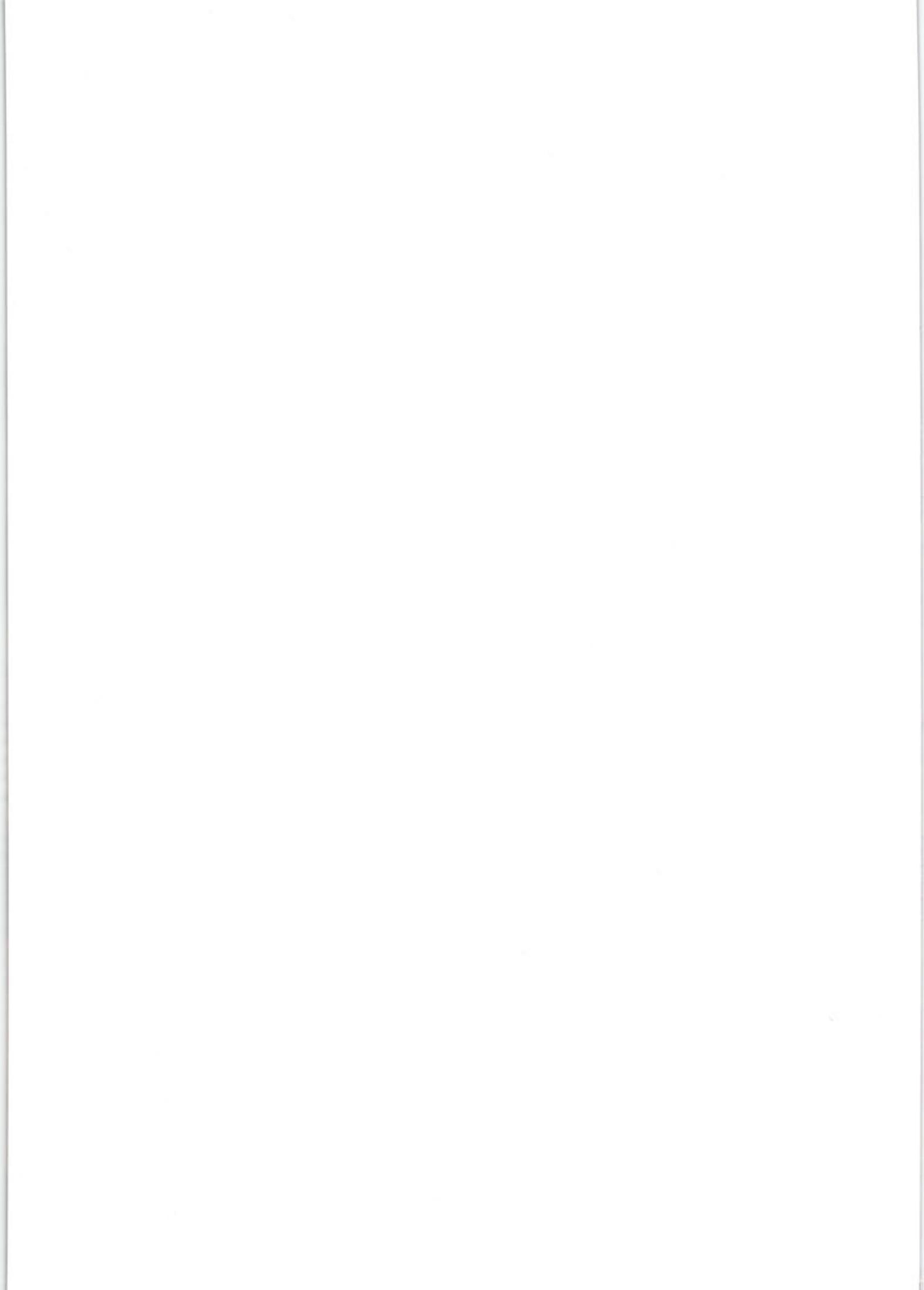


MUSEU CASA DE PORTINARI

Jacob Klintowitz







MUSEU CASA DE PORTINARI

Jacob Klintowitz





Créditos:

Projeto editorial - Jacob Klintowitz
Projeto gráfico - Jacob Klintowitz
Editoração eletrônica - Janio Garcia
Tratamento de imagem - Janio Garcia
Fotografia - Marcos Sangiorgi

Agradecimentos:

João Candido Portinari
Projeto Portinari
Angélica Fabbi
Carlos Dêgelo - GPA
Marcos Sangiorgi
Cirton Genaro
Sérgio Lucena

Pronac - nº 064595

Capa - Detalhe da "Capela da Nonna", em destaque Santa Luzia e São Pedro.



**Museu
Casa de Portinari**

O Museu Casa de Portinari está instalado na antiga residência do pintor, em sua terra natal - Brodowski -, cidade de 15.534 habitantes, localizada na região de Ribeirão Preto no nordeste do Estado de São Paulo, a 337Km da Capital.

Patrocínio



Museu Casa de Portinari - Praça Candido Portinari, 298 - Brodowski - SP - CEP 14340-000
www.casadeportinari.com.br



Retrato de Mulher. s/d.
Lápis s/papel
100 x 76 cm

HOMENAGEM AO BRASIL

O uso de novas tecnologias muito tem contribuído para o desenvolvimento econômico das organizações, mas não é suficiente para os desafios da contemporaneidade. Mais do que a necessidade de recursos tecnológicos, o avanço social, que recebe especial atenção de organizações privadas nos últimos tempos, baseia-se na inclusão e igualdade.

Consciente de que a Educação e a Cultura são fundamentais para o desenvolvimento do país, a Porto Seguro incentiva atividades que enalteçam o conhecimento, a cidadania e os valores culturais. O apoio da Porto Seguro no projeto do **Museu Casa de Portinari** é uma maneira de enaltecer os grandes valores que caracterizam o Brasil.

Candido Portinari foi um dos nossos maiores artistas e a sua trajetória é exemplar para as novas gerações. Filho de imigrantes italianos, de menino de infância rural simples, Portinari, por seu esforço pessoal e dedicação, tornou-se um artista de renome mundial: de Brodowski aos murais da ONU.

E, também, Candido Portinari soube, como poucos, registrar a alma nacional, desde os eventos históricos marcantes da nacionalidade, a vida do povo e ao sentimento religioso da população.

Sob a responsabilidade do crítico de arte Jacob Klintowitz, apaixonado estudioso da cultura nacional, esta obra descreve a origem do grande artista, apresenta a casa de sua infância, hoje transformada em museu, a criação de suas pinturas em afrescos e a memória e a emoção do artista na inesquecível série de "Meninos de Brodowski".

Temos a certeza de que, ao ajudarmos a preservar e divulgar este patrimônio cultural, estamos contribuindo para o melhor conhecimento da vida e obra de Candido Portinari, e realizando uma verdadeira homenagem ao Brasil e ao seu povo.

Jayme Brasil Garfinkel
Presidente
Porto Seguro Seguros Gerais

A NOSSA CASA DE CANDINHO.

Numa pequena cidade de São Paulo, uma casa singela e despojada mostra a trajetória da gente paulista. É a casa onde Candido Portinari passou a infância. Quando a contemplamos e percebemos a vida de uma família de imigrantes italianos e encontramos os vestígios históricos da existência deste menino Portinari, e projetamos a sua trajetória – de Brodowski aos murais “Guerra e Paz”, na ONU –, podemos sentir a garra de nosso povo em seu impulso de crescimento. E a grandeza particular deste nosso artista, Candido Portinari.

Para o Estado de São Paulo, o Museu Casa de Portinari é importante por representar tantos elementos fundamentais na formação do estado: a integração e o convívio pacífico entre povos, a criatividade, o trabalho e a vontade de tornar o saber um bem coletivo. O nosso esforço para conservar, equipar e tornar acessível o Museu Casa de Portinari é coroado por esta publicação que registra e situa historicamente a vida do artista Candido Portinari, descreve a vida paulista e do nosso país e nos apresenta, em sua grandeza, a biografia e a obra de um artista que se tornou sinônimo de identidade nacional.

O Estado de São Paulo é atento à questão da identidade nacional e é exemplo do convívio pacífico e construtivo de diversas origens imigratórias e migratórias. Para nós, uma nação se faz com acréscimos, planejamento e trabalho, e não com restrições. A Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo tem o seu enfoque justamente na inclusão, no acesso universal aos bens artísticos e culturais, na convicção de que o futuro se constrói desta maneira: elevando a qualidade de vida das pessoas e oferecendo a elas o que de melhor o espírito humano pode criar. A nossa valorização da obra do artista paulista Candido Portinari e do Museu Casa de Portinari insere-se no cuidado que temos com os bens espirituais e no esforço de, cada vez mais, tornar a arte um bem coletivo.

João Sayad

Secretário de Estado da Cultura de São Paulo



São João Batista. Det., 1941.
Pintura Mural a têmpera
161x 55 cm

O ARTISTA.

Candido Portinari (1903, Brodowski, SP-1962, Rio de Janeiro,RJ) é o artista mais importante do Brasil no século XX. A sua trajetória é exemplar e ele registrou e deu nova configuração ao retrato do homem brasileiro, às questões sociais e, certamente, foi o nosso mais importante pintor de temas épicos e históricos da nacionalidade e, é provável, o mais importante pintor de temas religiosos deste século. Desde o fim da década de 30 que Candido Portinari se afirma definitivamente como grande artista por meio de representações e interpretações da realidade social brasileira, como na série "Os Retirantes". Em 1936 iniciou os afrescos e painéis de azulejo no prédio do Ministério da Educação e Saúde. Em 1956, por ocasião da inauguração dos painéis Guerra e Paz, na ONU, recebe os prêmios Guggenheim e Hallmark Art. Entre as exposições de que participa destacam-se Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1922 e 31; individual no Museu de Arte Moderna de Nova York, 1940; Bienal de Veneza, 1950 e 54; Bienal Internacional de São Paulo, várias edições de 1951 a 1985; Guggenheim Museun, Nova York, 1957; Galeria Wildenstein, Nova York, 1959.

Do ponto de vista das afinidades espirituais e das influências, Portinari tem uma filiação clássica. Esta anedota da vida do artista, que se segue, comprovada por depoimentos, ilustra a família artística do pintor. Cândido Portinari contou ao Presidente do Banco da Bahia, Clemente Mariani, que se inspirara em algumas pinturas do renascimento veneziano para pintar o mural "A chegada de D. João VI ao Brasil". O que não chega a ser propriamente uma confidên-

cia notável, dado a sua admiração pelos venezianos, especialmente Paolo Veronese, mas ajuda a desfazer equívocos sobre influências e afinidades. A sua outra grande admiração foi o pintor alemão Mathias Grünewald, o que pode fornecer seguras pistas sobre o expressionismo de Cândido Portinari. Essa obra monumental foi feita para a nova sede do Banco da Bahia, em Salvador, por encomenda de Clemente Mariani, ex-Ministro da Educação e Cultura. Pintada no Rio de Janeiro, num prédio na rua Assembléia, foi remetida para a Bahia e montada, a pedido de Portinari, pelo pintor José Pancetti. É uma pintura sinfônica e de esplendor, luminosa, com uma explosão de amarelos e brancos onde as cores crepitam e revelam as suas virtualidades. É notável como uma pintura feita com padrões tão rígidos – a organização das massas cromáticas, a composição geométrica, a representação severa – possa conter tantas questões da arte e da cultura contemporânea, especialmente as relações de cor e a estrutura geométrica; a consciência individual versus o anonimato funcional; o poder e a teatralização do ato público. Quando comparamos essa pintura com um desenho preparatório, ainda tão desprovido dessas graves questões e da fulguração final, percebemos o longo caminho do artista até a realização de uma obra magna, como essa. O ex-Ministro da Educação e Cultura, Clemente Mariani, no seu testemunho sobre o painel percebeu com exatidão o caráter avançado da pintura e, ao mesmo tempo, a sua filiação clássica: "... O quadro saiu, evidentemente dentro da técnica do modernismo, mas obedecendo a uma ordem hierática, que lhe dava a visão de uma pintura clássica...".

O MUSEU CASA DE PORTINARI

Este museu foi inaugurado em 1970 e está instalado na casa onde viveu o artista Candido Portinari durante a sua infância e a sua juventude, na cidade de Brodowski, São Paulo. É esta mesma casa que se constituiu em lugar de férias, repouso ou meditação para o artista, que sempre voltava para ela, vinculado que era às suas origens.

O museu contém obras do artista, objetos pessoais, mobiliários familiar e a Capela da Nonna, notável conjunto pictórico de caráter sacro numa pequena capela feita especialmente para o convívio religioso de sua avó paterna Pellegrina, impossibilitada de comparecer diariamente a igreja, como era seu hábito.

Este museu representa uma parte importante da vida do artista, ainda pouco explorada na vasta bibliografia que trata de sua vida e obra: a infância, a família, estudos de murais, a juventude e o convívio com uma população de imigrantes e lavradores.



Depoimento de João Candido Portinari, filho de Portinari, sobre a sua vivência na casa paterna.

"Vou ter que cavucar nas minhas lembranças mais recônditas, puxando o fio do baú da infância. Relembrando o Nono, a Nona, o tio Bepe, a Noninha Peregrina (para quem meu pai fez a Capelinha), naquelas noites em que a família inteira — gente de todas as idades — ficava reunida em torno da grande mesa de jantar. Lembro uma foto em que eu, já rapaz, me despedia do Nono, voltando para o Rio — era sempre um momento triste e aflito: — será que quando eu voltar encontro o Nono e a Nona?

Jogava-se víspera, usando feijão para marcar as cartelas, ao som da voz da Nona, que cantava os números com sotaque italiano: "trenta e due", e lá íamos nós, colocando o grão de feijão na casa do 32... O café semprequentinho no bule de metal que ficava sobre o fogão de lenha, a polenta milagrosa do café-da-manhã, os pastos, o estradão de terra vermelha, a boiada que vinha ao longe levantando um mundo de poeira, os mata-burros, o tisiu, os pés de gabirola, a passarada, o céu cravejado de estrelas, o medo do cemitério, as histórias da mula-sem-cabeça, a criançada brincando na rua até tarde, a Fazenda do Prata, que ficava distante, e as histórias da Porteira Preta...são tantas as lembranças, nem sei se saberei reuni-las em um texto minimamente coerente...

A idéia dos Meninos de Brodowski é realmente genial! Lembrei-me da frase de meu pai sobre as mangueiras de Brodowski, você conhece? "Como me lembro das frondosas mangueiras de minha infância, elas eram as babás dos meninos pobres como eu..."

Depoimento de um anônimo sobre Portinari e o Museu Casa de Portinari, depois de uma reportagem do Jornal Nacional, da Tv. Globo, sobre o museu e Candido Portinari, registrado pelo autor e relatado ao Projeto Portinari:

Vou contar uma história gratificante. No dia seguinte ao do Jornal Nacional, o guarda da minha rua (que, aliás, não guarda nada), M. M. S. , veio me contar que havia visto a "coisa mais linda na televisão, uma coisa mais bonita que a outra". Ele estava confuso quanto aos nomes, e quando eu falei Brodowski e Portinari, ele reconheceu os sons e ficou maravilhado comigo: "Seu Jacob, como o senhor sabe!" Ai eu expliquei algumas coisas da vida do Portinari e ele me olhando. Ao final, me disse o seguinte: "Seu Jacob, há pessoas que nascem com o dom de fazer bem feito!"



Depoimento de João Candido, filho de Portinari, sobre celebração na Itália, na região da qual imigrou o pai de Portinari.

"Estive estas duas semanas na Itália, cumprindo um programa de re-encontro com as raízes vênetas de meu pai. Chegamos ontem. Fiquei entusiasmado com a idéia desse livro sobre a casa onde morou Portinari. Tenho certeza que vai ser um documento comovente, impregnado de sensibilidade e beleza.

Queria contar como foi esse momento em Chiampo, cidadezinha onde nasceu meu avô. Breve vou receber as fotografias. Quando chegamos, no domingo, dia 11 de setembro, pela manhã, o prefeito estava nos aguardando, com a faixa municipal no peito, e um belo banner cobrindo a entrada da municipalidade. Fomos para o Auditório, onde estava formada a banda de música, e foram pronunciadas palavras de boas-vindas. Em seguida, saímos todos marchando pela cidade, com a banda municipal à frente, o prefeito e eu atrás e depois as autoridades municipais, gente da área de arte e cultura, Maria e Maria Candida fechando o desfile... Fomos em procissão até a casa onde viveu meu avô, onde foi inaugurada uma placa de mármore falando do Nonno e de seu filho, o pintor ilustre. Mais discursos, e foi emocionante ver a cidadezinha parar para comemorar essa visita. Dali seguimos para uma grande missa no Duomo, onde o padre falou sobre Portinari e seu significado para o Vêneto. Terminada a missa, saímos para uma estalagem fora da cidade, já no alto das colinas vicentinas, onde nos foi oferecido um almoço pela família Portinari, umas trinta pessoas. Você precisava ver o carinho e a emoção das pessoas ao falar em Portinari... Entregaram-nos cartas, presentes, e dali seguimos para o Auditório, onde fiz a apresentação do Projeto Portinari, tudo no meu italiano capenga... Após a apresentação, foi uma peregrinação de pessoas que vinham cumprimentar, narrar passagens e sentimentos... Nesse momento ofereceram-nos duas placas comemorativas, uma de Chiampo e uma da Região do Veneto. E, finalmente, um jantar oferecido pela municipalidade. Na terça-feira seguinte, fomos recebidos pelo Vice-Governador do Veneto, no Palazzo Balbi, em Veneza. O Presidente da Associazione del Cuore Triveneto fez um belo discurso sobre Portinari, encerrando com a lembrança de que as últimas palavras do pintor foram proferidas em dialeto veneto. Ficou então desenhado um projeto de planejar uma grande (mais de 200 obras) retrospectiva Portinari em Veneza."

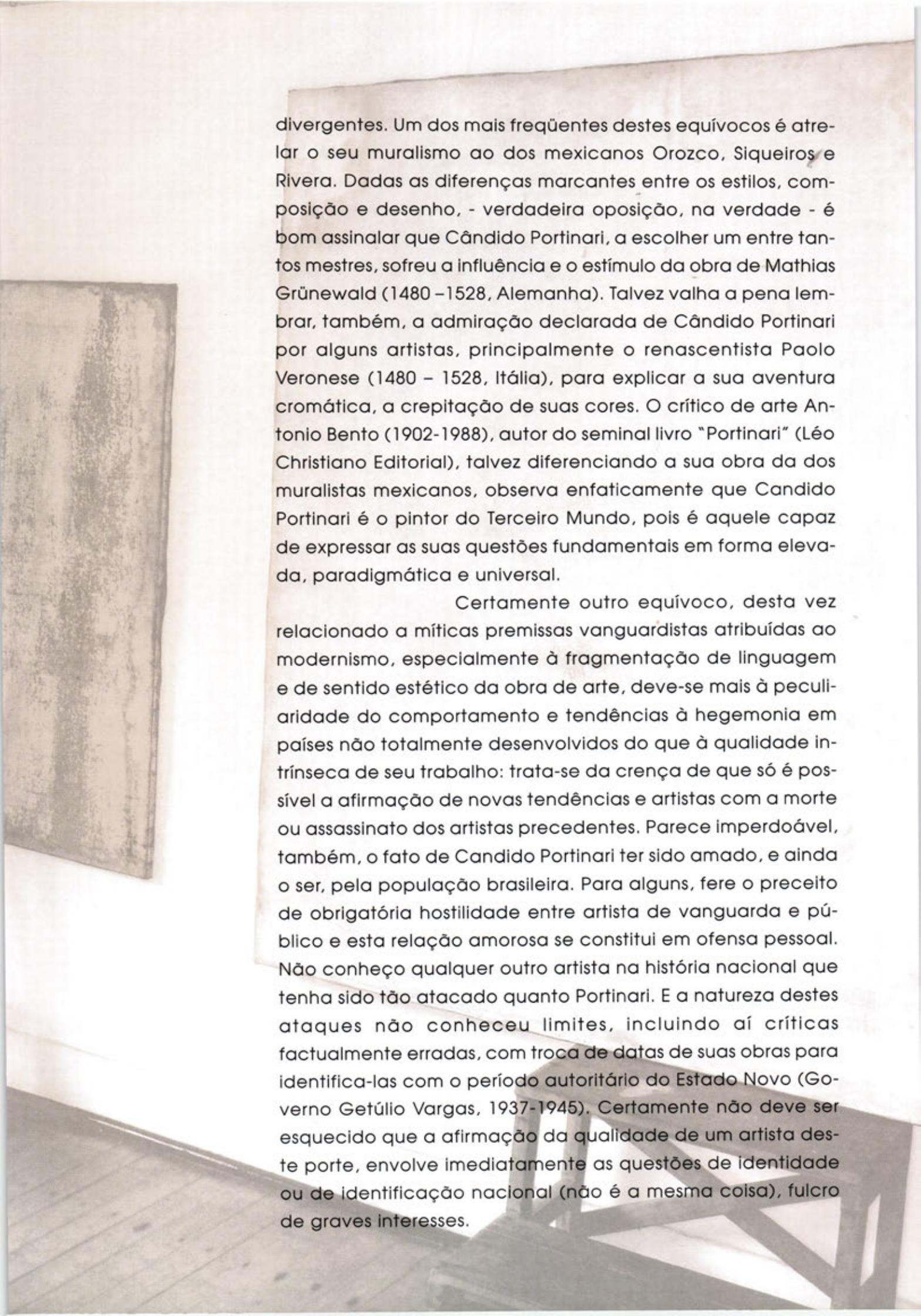


IDENTIDADE

Na verdade, entre nós, discute-se sempre a natureza da arte, as questões sociais e, principalmente, com extrema veemência, a nossa identidade. Estas são dúvidas e afirmações nossas, os que vivem no novo mundo, e convivem com a herança colonizadora e as históricas lutas de independência política e são feitos de uma rica argamassa constituída por muitos povos. E o próprio conceito essencial, o de que pertencemos à civilização ocidental, sofre restrições e permanentes questionamentos, não só internos, mas exteriores. A significação da obra de Candido Portinari, neste processo de permanente auto-análise, afirmação e negação da identidade nacional, reside no fato dele ser o artista que inventou visualmente a odisséia brasileira. É o nosso principal muralista, o nosso maior pintor histórico, o autor da maior obra sacra do país, o mais expressivo retratista e, finalmente, ele é o artista que apresenta o mais completo retrato da Brasil já feito até hoje. É de tal maneira presente a obra de Candido Portinari que ela se presta para a percepção da realidade social, da formação econômica, da história política do país, visão antropológica do homem brasileiro, registro de costumes, reinterpretação estética da herança indígena, manifestação do sentimento religioso da população e afirmação estética da arte nacional. Não apenas esta obra torna-se referente nas discussões da identidade nacional, como é primordial no processo de identificação cultural do brasileiro.

Devido à importância do artista para o Brasil, é compreensível que a sua obra seja objeto de controvérsia e equívocos, muitos deles intencionais, pois a sua obra situa-se em uma encruzilhada onde se encontram interesses





divergentes. Um dos mais freqüentes destes equívocos é atrelar o seu muralismo ao dos mexicanos Orozco, Siqueiros e Rivera. Dadas as diferenças marcantes entre os estilos, composição e desenho, - verdadeira oposição, na verdade - é bom assinalar que Cândido Portinari, a escolher um entre tantos mestres, sofreu a influência e o estímulo da obra de Mathias Grünewald (1480 - 1528, Alemanha). Talvez valha a pena lembrar, também, a admiração declarada de Cândido Portinari por alguns artistas, principalmente o renascentista Paolo Veronese (1480 - 1528, Itália), para explicar a sua aventura cromática, a crepitação de suas cores. O crítico de arte Antonio Bento (1902-1988), autor do seminal livro "Portinari" (Léo Christiano Editorial), talvez diferenciando a sua obra da dos muralistas mexicanos, observa enfaticamente que Candido Portinari é o pintor do Terceiro Mundo, pois é aquele capaz de expressar as suas questões fundamentais em forma elevada, paradigmática e universal.

Certamente outro equívoco, desta vez relacionado a míticas premissas vanguardistas atribuídas ao modernismo, especialmente à fragmentação de linguagem e de sentido estético da obra de arte, deve-se mais à peculiaridade do comportamento e tendências à hegemonia em países não totalmente desenvolvidos do que à qualidade intrínseca de seu trabalho: trata-se da crença de que só é possível a afirmação de novas tendências e artistas com a morte ou assassinato dos artistas precedentes. Parece imperdoável, também, o fato de Candido Portinari ter sido amado, e ainda o ser, pela população brasileira. Para alguns, fere o preceito de obrigatória hostilidade entre artista de vanguarda e público e esta relação amorosa se constitui em ofensa pessoal. Não conheço qualquer outro artista na história nacional que tenha sido tão atacado quanto Portinari. E a natureza destes ataques não conheceu limites, incluindo aí críticas factualmente erradas, com troca de datas de suas obras para identifica-las com o período autoritário do Estado Novo (Governo Getúlio Vargas, 1937-1945). Certamente não deve ser esquecido que a afirmação da qualidade de um artista deste porte, envolve imediatamente as questões de identidade ou de identificação nacional (não é a mesma coisa), fulcro de graves interesses.

Em 1946, o poeta Carlos Drummond de Andrade, figura central na poesia moderna brasileira, quando da bem acolhida exposição de Portinari em Paris, em carta ao artista diz o seguinte: "... Foi em você que conseguimos a nossa expressão mais universal, e não apenas pela ressonância, mas pela natureza mesma do seu gênio criador, que ainda que permanecesse ignorado ou negado, nos salvaria para o futuro..."

Retrato do Brasil. As pequenas histórias do país estão para sempre registradas com extrema ternura ou dramaticidade. Lá estão os jogos de futebol no chão de terra vermelha do interior paulista, o circo mambembe, a morte nordestina e o enterro na rede, a migrante família de retirantes, os índios Carajás e o seu patrimônio gráfico, os lavradores, os estivadores, a festa de São João, os espantalhos, os bichos da floresta amazônica, os cangaceiros, a conversa amiga das mulheres, o folclórico Bumba-Meu-Boi. As principais cenas da história cívica brasileira também estão configuradas em sinfônica concepção: Tiradentes, A Primeira Missa no Brasil, O Descobrimento do Brasil, A Chegada da Família Portuguesa à Bahia. E, numa aceitação e amorosa atualização do misticismo do nosso povo, um extraordinário e inacreditável conjunto de obras de temas e espírito religiosos: A Santa Ceia, São Francisco, Santo Antonio, São João da Cruz, Nossa Senhora do Carmo, Jesus, Lázaro, Jeremias, a Via Crucis. Este retrato do Brasil, o mais completo já realizado por um artista, está na obra oceânica do pintor Candido Portinari. Que país não gostaria de ter um artista como este, que tivesse fixado e dado forma a sua alma? Com esta amplitude, multiplicidade de temas, ambição pantagruélica e capacidade de realização, não conheço nenhum outro exemplo.

Candido Portinari (1903, Brodowski, SP-1962, Rio de Janeiro,RJ), o mais conhecido pintor da história do país tornou-se, para o povo brasileiro, sinônimo de arte. Esta identificação de um artista com a própria essência de sua atividade é o maior reconhecimento público imaginável. Na história recente da arte, poucos artistas obtiveram esta identificação popular entre o fazer e a natureza da atividade, como é o notável caso, por exemplo, de Vincent Van Gogh, com o século dezenove, e Pablo Picasso, com o século vinte.

Portinari é autor de uma obra verdadeiramente monumental, se considerarmos o tamanho de sua produção, a qualidade e os diversos suportes e técnicas utilizados. Candido Portinari é o maior muralista da nossa história e a sua obra está abrigado em prédios significativos, como o Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, marco fundamental da nossa arquitetura modernista; Igreja da Pampulha, no moderno bairro da Pampulha, em Belo Horizonte, semente da futura capital Brasília; na Biblioteca do Congresso, em Washington; na sede da ONU, em Nova York. Além disto, a sua obra enfrentou os assuntos mais significativos do país, da infância à vida rural, das mazelas sociais manifestadas nos retirantes nordestinos à saga histórica da formação da nacionalidade. Em cada um destes assuntos, a contribuição do artista tornou-se referência obrigatória.

Na sua formação, nos dois decisivos anos que passou na Europa, Cândido Portinari quase não pintou. Ele aproveitava o Prêmio de Viagem ao Exterior e dedicou-se a ver e estudar. Em entrevista a "O Jornal", em 1928, antes do embarque, ele diz: "... entendo que a estadia na Europa não deve ser aproveitada pelo pintor para uma produção intensa e quase nada meditada, como têm feito alguns colegas. Considero-a um prêmio de observação. O que vou fazer é observar, pesquisar, tirar da obra dos grandes artistas – do passado, nos museus, ou do presente, nas galerias – os elementos que melhor se prestem à afirmação de uma personalidade, Procurarei encontrar o caminho definitivo da minha arte fazendo estudos e nunca quadros grandes...". É dessa maneira que este artista conduziu a sua vida, ver e estudar e criar uma obra única e sem igual. Disciplina férrea e inteligência. Cândido Portinari inicia os seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios e ingressa na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1919, onde cursa desenho figurativo com Lucílio de Albuquerque e pintura com Rodolfo Amoedo e Batista da Costa. Desde o fim da década de 30 que se afirma definitivamente como grande artista por meio de representações e interpretações da realidade social brasileira, como na série "Os Retirantes". Em 1936 iniciou os afrescos e painéis de azulejos no prédio do Ministério da Educação e Saúde. Em 1956, por ocasião da inauguração dos painéis

"Guerra e Paz", na ONU, recebe os prêmios Guggenheim e Hallmark Art. Entre as exposições de que participa destacam-se Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1922 e 31; individual no Museu de Arte Moderna de Nova York, 1940; Bienal de Veneza, 1950 e 54; Bienal Internacional de São Paulo, em várias edições de 1951 a 1985; Guggenheim Museum, Nova York, 1957; Galeria Wildenstein, Nova York, 1959.

De nenhum outro artista ou sábio, pintor ou escritor, recebemos um legado de transcendência lírica de nossa história comparável ao dele. E se somarmos os seus grandes murais...então estaremos em face de um acervo de pintura histórica-social de determinado povo e região que se poderá reconhecer como dos mais notáveis da história da pintura, escreveu o crítico de arte Clarival do Prado Valladares.

De que maneira aquele pintor de pequeno porte, cuja primeira infância foi tão frágil que a família duvidava de sua sobrevivência, construía estas obras que exigiam tanto saber, vigor físico e tenacidade? Eis uma história comprovada.

Cândido Portinari contou ao Presidente do Banco da Bahia, Clemente Mariani, que se inspirara em algumas pinturas do renascimento veneziano para pintar o mural "A chegada de D. João VI ao Brasil". O que não chega a ser propriamente uma confidência notável, dado a sua admiração pelos venezianos, especialmente Veronese, mas ajuda a desfazer equívocos. A sua outra admiração, Grünewald, fornece uma pista sobre o expressionismo de Portinari. A respeito deste mural, o seu aluno Enrico Bianco contou, em 1977, no livro "Portinari desenhista", uma anedota que presenciou. Terminada a primeira das maquetes, Portinari convidou o seu amigo, o arquiteto Lúcio Costa, autor do plano piloto de Brasília, para conhecê-la. Lúcio Costa observou que a pintura tinha dois arbitrários pontos de fuga, um da multidão, outro do horizonte. E que isto era maravilhoso, já que, ao contrário da arquitetura, a pintura tinha essa liberdade poética, pois a obra era harmoniosa. Portinari ficou mortificado e, imediatamente, se propôs a corrigir essa "besteira". Travou-se, então, um diálogo de oposições, que se prolongou em telefonemas, nos quais Lúcio Costa implorava ao pintor não fazer

a modificação, arrependido da sua observação e argumentando que a pintura nada tinha a ver com a lógica. Portinari, inflexível, terminou por alterar a pintura e conferir, como é da tradição, uma só perspectiva, um único ponto de fuga, para uma pintura figurativa.

Essa obra monumental foi feita para a nova sede do Banco da Bahia, em Salvador, por encomenda de Clemente Mariani, ex-Ministro da Educação e Cultura. Pintada no Rio de Janeiro, num prédio na Rua da Assembléia, foi remetida para a Bahia e montada, a pedido de Portinari, pelo pintor José Pancetti.

É uma pintura sinfônica e de esplendor, luminosa, com uma explosão de amarelos e brancos onde as cores crepitam e revelam as suas virtualidades. É notável como uma pintura feita com padrões tão rígidos – a organização das massas cromáticas, a estrutura geométrica, a representação severa – possa conter tantas questões da arte e da cultura contemporânea, especialmente as relações de cor e a estrutura geométrica; a consciência individual versus o anonimato funcional; o poder e a teatralização do ato público. Quando comparamos essa pintura com um desenho preparatório, ainda tão desprovido dessas graves questões e da fulguração final, percebemos o longo caminho do artista até a realização de uma obra magna, como essa. O ex-Ministro da Educação e Cultura, Clemente Mariani, no seu testemunho sobre o painel percebeu com exatidão o caráter avançado da pintura e, ao mesmo tempo, a sua filiação clássica: "...O quadro saiu, evidentemente dentro da técnica do modernismo, mas obedecendo a uma ordem hierática, que lhe dava a visão de uma pintura clássica...".

Nenhum assunto parece pequeno ao pintor, nenhuma cena da vida cotidiana, dos terrenos baldios à cena doméstica. Conhecido por seus temas fortes e amplos, tais como o cotidiano do povo, os solenes marcos da história pátria, os principais assuntos do cristianismo, Portinari também pintou flores. Nas suas pinturas, as flores e as folhas costumam ser etéreas, sem volume, como se fossem lembranças, memórias do assunto flores. Um vaso com flores pode ser inteiramente pintura, linguagem, e não simplesmente representação de beleza decorativa e superficial, que Portinari detes-

tava. O desenho sobre alguma coisa, é designar, nomear, dar nome às coisas e, com este ato, trazê-las para o reino da humanidade. A arte chinesa e, depois, a japonesa, levou esse conceito ao supremo grau de maestria. Os extraordinários gravadores japoneses – Suzuki Harunobu (1725- 1770), Korin Ogata (1658 – 1716), Torii Kiyomasu (1752- 1815), Katsushika Hokusai (1760 – 1849), Andô Hiroshige (1797 – 1858), Torii Kiyonaga (1679 – 1763), para ficar nos mais conhecidos - que foram fundamentais na formação da arte moderna européia, trabalharam sobre situações objetivas: a ponte, a vida cotidiana, os pescadores, as gueixas, as florestas, o mar. Mas essa descrição era a da arte e não a do pretense realismo, ou seja, do entendimento convencional. A influência deveu-se à superioridade desse sistema, a criação da linguagem a partir de um referente reconhecível. É o que Portinari faz com o mundo pequeno, folgedos infantis, o doméstico vaso de flores. Fragmentos memorialísticos da beleza pressentida.

No dia 6 de fevereiro de 1962, com apenas 58 anos de idade, morreu o pintor Candido Portinari, intoxicado pelo contato com a tinta a óleo, especialmente a branca que continha metais pesados. Ele trabalhou com tão espantoso vigor e tenacidade que foi capaz de construir uma obra única, retrato do Brasil como nunca houve igual. Talvez o artista intuisse uma vida breve para tão grande amor. A sua morte conscientizou a todos sobre o que perdíamos, o poético artista nacional. O melhor texto necrológico na nossa literatura foi o escrito por Antonio Callado sobre Portinari. E inúmeras manifestações celebraram o seu trabalho e se incorporaram a ele.

Guilherme Figueiredo, escritor

e teatrólogo:

“Somos assim. Um dia, seremos apenas os farrapos de narrativa de nossa existência. E mãos ávidas, mãos sábias do futuro virão recompor o que fomos, virão surpreender-se de nós. E do pó que seremos, retirarão o que beberam aqueles olhos e o que se escapou por aqueles dedos. E saberão que neste lugar existimos, porque ele inventou a nossa eternidade.”

Manuel Bandeira, poeta:

"Portinari não é só o maior pintor brasileiro de todos os tempos: é o exemplo único em todas as nossas artes da força do povo dominada pela disciplina do artista completo pela ciência e pelo instinto infalível do belo".

Portinari é o marco afirmativo do nosso modernismo, um dos maiores artistas brasileiros de todas as épocas, símbolo artístico nacional, autor de uma obra monumental, com poucas equivalências mundiais e, em nosso país, o autor de uma odisséia sobre a nossa vida e a nossa gente. Além disto, a qualidade estética de Portinari, a grandeza de seus temas, a ousadia de interpretação e a coragem de escolha de assuntos, com dificuldades infinitas, o caracterizam como um dos grandes artistas do século vinte. Portinari é o narrador de mitos, o nosso Homero. E na sua obra encontramos a imobilidade da tragédia, o tempo paradigmático do símbolo e a ausência da agitação do simples drama. Portinari é a tessitura que organiza e forma a base da arte brasileira, a marca da nossa maturidade, o ponto alfa, do qual podemos contemplar o nosso panorama.

No dia 9 de fevereiro de 1962, três dias após a morte de Candido Portinari, o maior poeta brasileiro, Carlos Drummond de Andrade, publica o poema "A Mão", do qual este trecho foi selecionado:

"Entre o cafezal e o sonho
o garoto pinta uma estrela dourada
na parede da capela..."
"...A mão sabe a cor da cor
e com ela veste o nu e o invisível.
Tudo tem explicação porque tudo tem
(nova) cor."
"..O que era dor é flor, conhecimento
plástico do mundo.
A mão-de-olhos-azuis de Candido
Portinari"







Logo of the Department of the Environment, Heritage and Local Government, Ireland

DIO

Department of the Environment, Heritage and Local Government

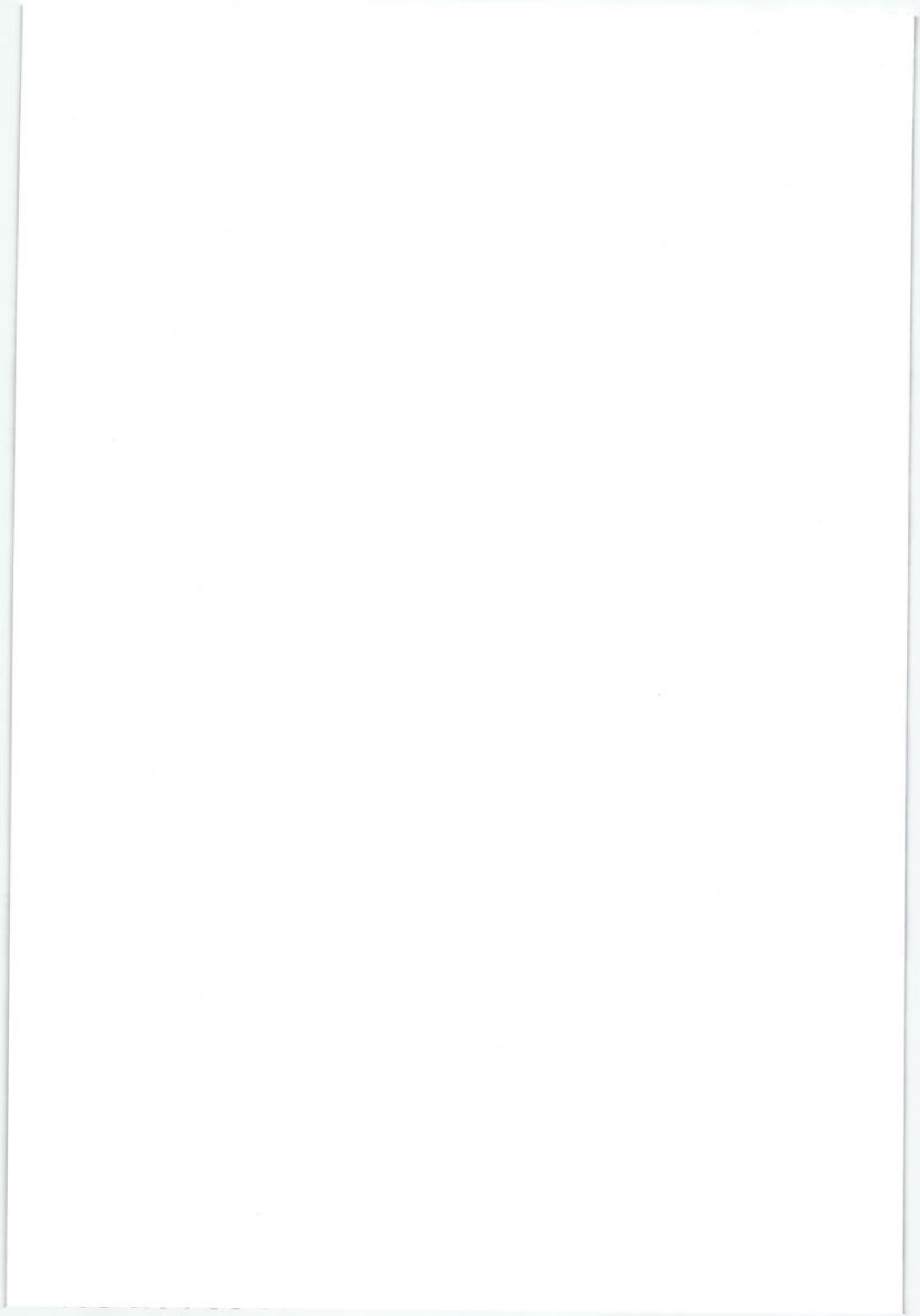
10, Wellington Quay, Dublin 2, Ireland

01 454 7000

www.dio.gov.ie



Pequeno jardim interior
desenhado por Portinari
compondo a palavra "Dio"
(Deus).





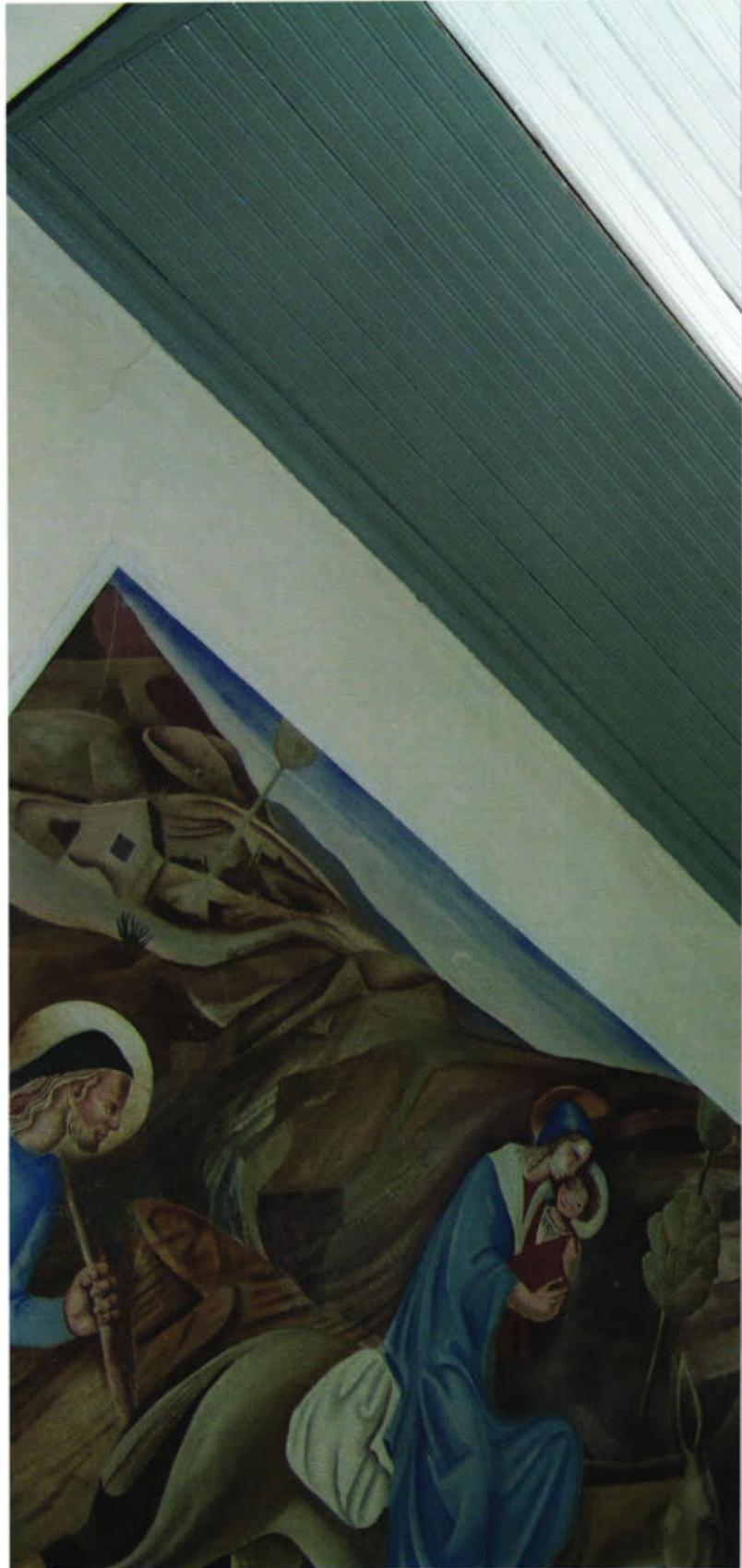
Interior da residência.



Detalhes do ateliê do artista.



Aspectos do ateliê do artista,
vista parcial de clarabóia e
detalhe de "fuga para o Egito"







Cavalete de Portinari.





Págs. 42, 43, 44, 45, 46 e 47
Ferramentas, pincéis,
bisnagas de tintas.



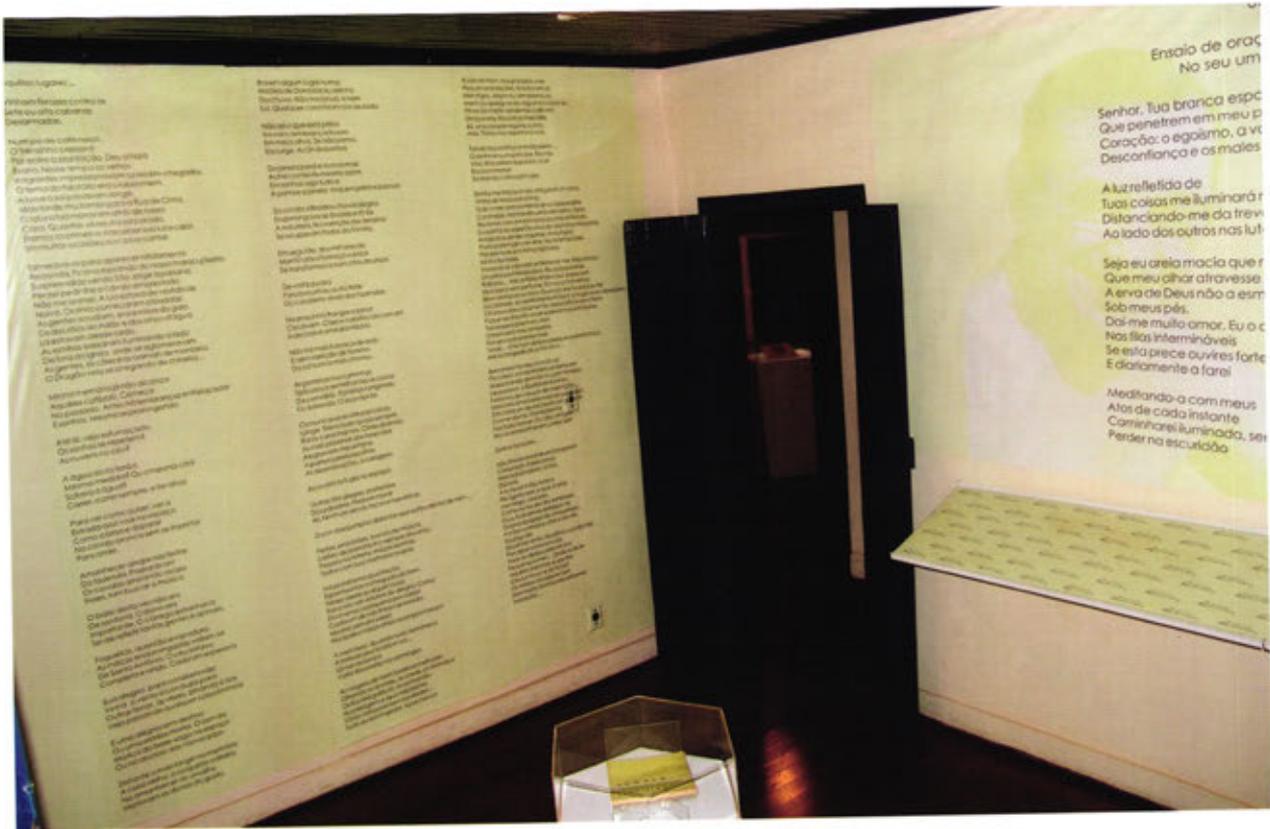




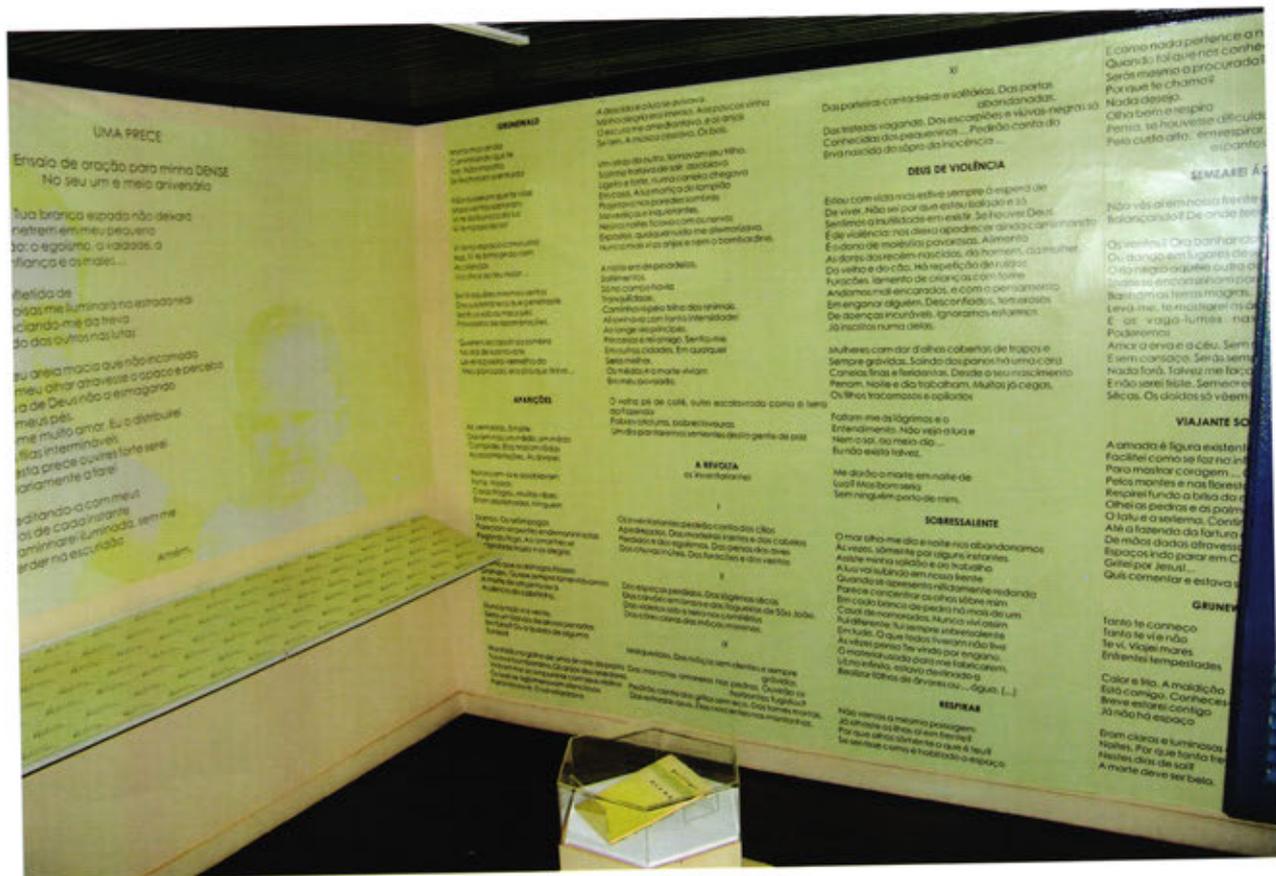
- 15 paint tubes of various colors and brands, including tubes with labels like 'CONTOUR' and 'ULTRA'.







Detalhes do Quarto Poesia





Detalhes do quarto

Detalhes do quarto e pertences pessoais de Portinari, pags. 50 e 51



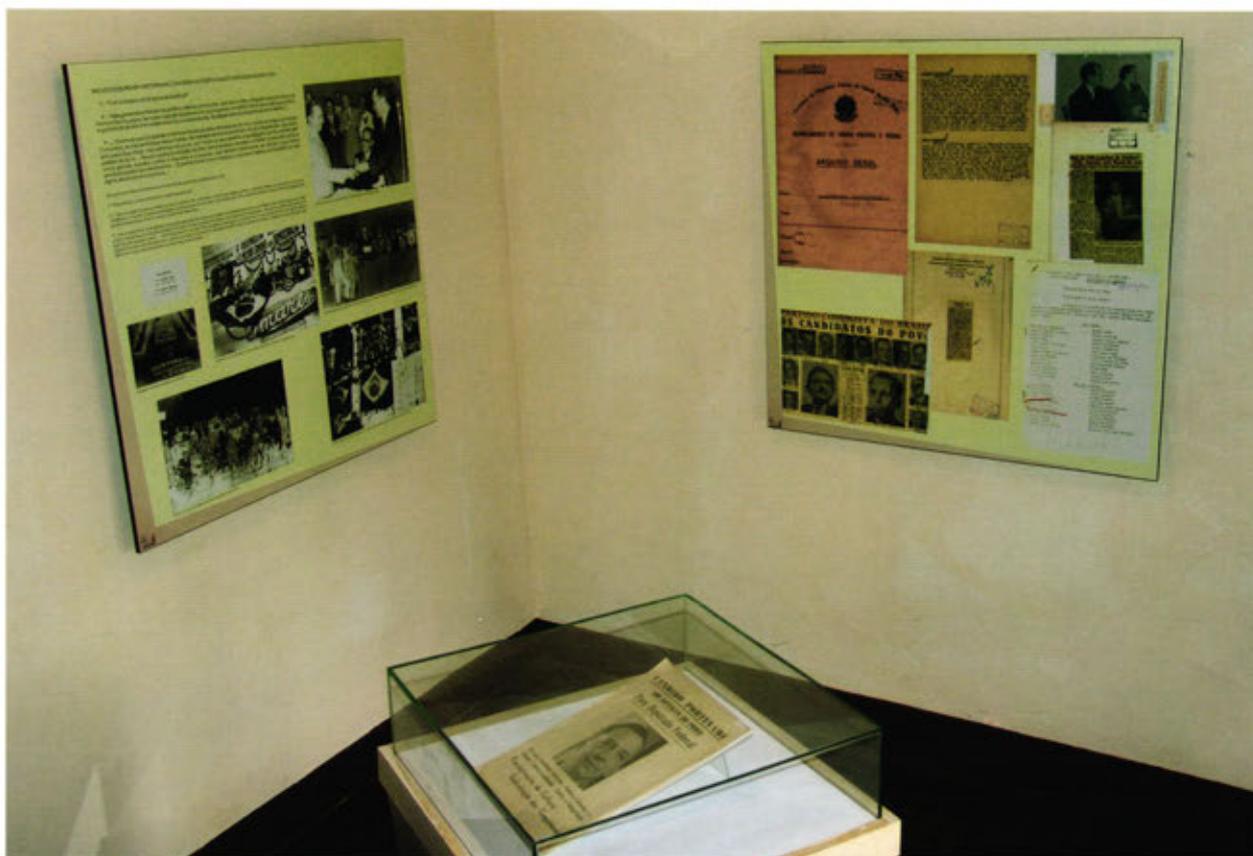




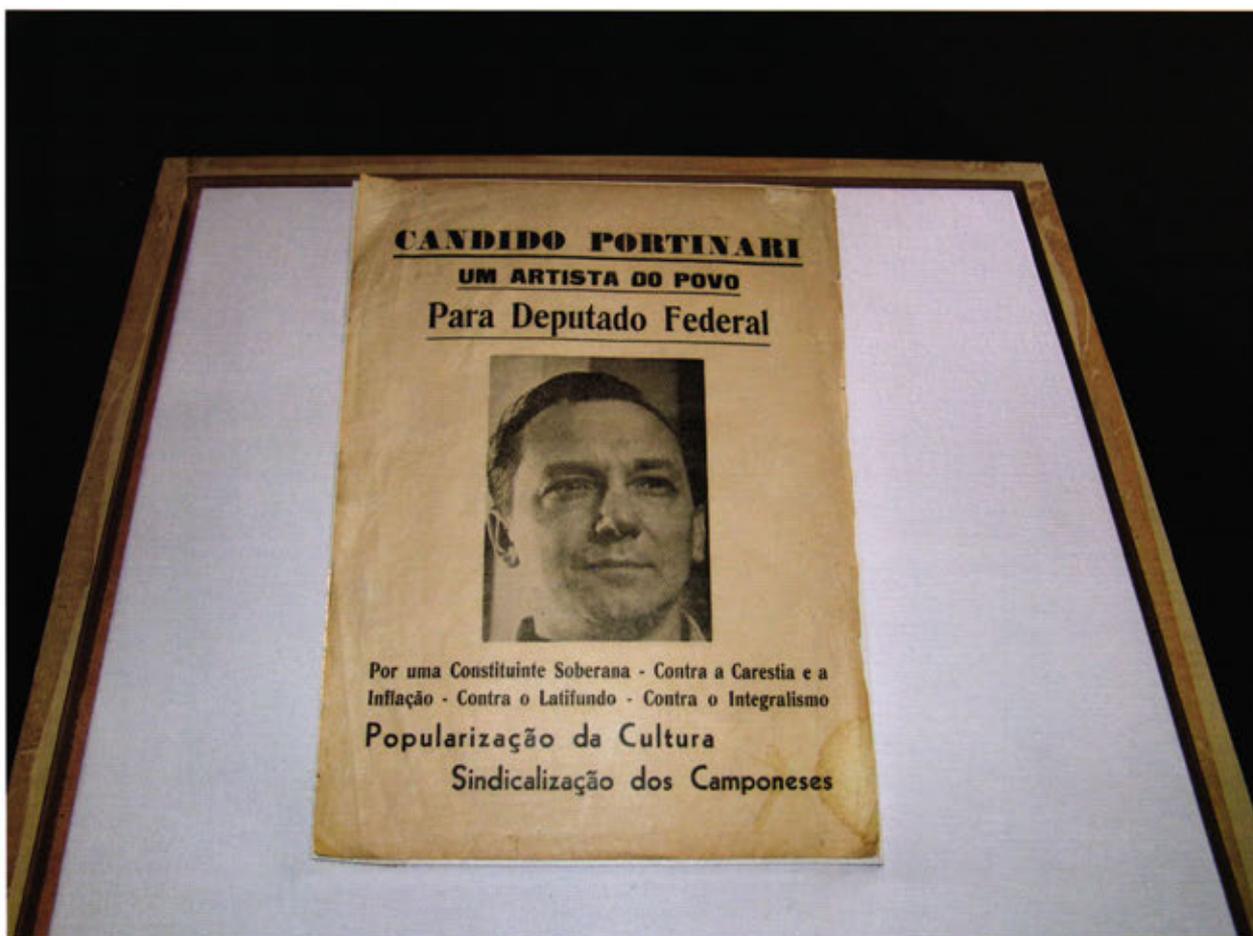


Detalhes do quarto com ilustrações de Portinari





Quarto com detalhes da participação política do artista







Quarto dos Desenhos





Cabeça de mulata. 1935.
Afresco.
42 x 38 cm

Perfil da avó. 1935. Pág. 56, alto.
Afresco
20 x 18 cm

Cabeça de mulata. 1935. pág. 56, baixo
Afresco
57 x 38 cm

págs. 58, 59 - Sala de estar





A GRAVATA DO MESTRE.

Conta-se que o pintor Candido Portinari gostava de se apresentar elegantemente em público, no melhor estilo da época: suspensórios, abotoaduras, colete, paletó e gravata. Em alguns relatos identifica-se até a nacionalidade italiana de alguns de seus coletes. Este gosto pelo esmero em nada alterava o modo de vida simples do artista cujos valores principais eram o estudo, o trabalho e as relações humanas. Às vezes, o estar adequadamente vestido é uma rigorosa forma de não chamar atenção sobre si mesmo.

Também as luvas, que nos últimos anos de vida usava ao pintar, chamavam a atenção. Mas aqui não se referia à elegância, e se tratava de tentar bloquear minimamente a ação dos metais pesados que algumas tintas continham e que prejudicaram mortalmente a saúde do artista.

De uma maneira, ou outra, os hábitos e a indumentária do pintor mais famoso do país eram notados e registrados, como hoje é objeto de curiosidade a vida particular dos astros de cinema, de televisão e dos esportes. Para Candido Portinari os elementos diversos e díspares da vida eram igualmente interessantes. Esta curiosidade e tolerância

podem explicar, em parte, o exercício, o aprofundamento e a sua maestria pictórica em assuntos tão diversos quanto o misticismo, a história, os jogos infantis, o retrato, as favelas, o rural, os migrantes, a herança visual indígena, e inúmeros outros motivos.

Portinari não fez, como tantos outros artistas, um tema e um assunto como seu interesse fundamental. Alguns artistas brilhantes foram deste jeito. Ainda que tivesse um passado clássico excepcional, o que tornou Constantin Brancusi um ícone da modernidade foi a obsessiva forma oval que ele polia infinitamente e que se transformou em pássaro, em rosto, em galo e em ovo. Ou Piet Mondrian cujo período maduro se passou na construção de relações e ritmos geométricos.

Acredito que Portinari deveria escolher com certo cuidado as suas roupas. Por que a moda, com todas as suas implicações comportamentais, históricas, industriais, comerciais, seria pouco interessante para ele? É dentro desta postura pessoal que eu entendo a criação de duas gravatas, cada uma com sete variações cromáticas, que Candido Portinari fez em 1951 e que foram anunciadas com destaque pela "A Exposição Avenida", no jornal "O Globo", na edição de 3 de dezembro de 1951. Em uma, o motivo era "garimpeiros", na outra, o motivo era um galo. É exatamente esta que nos interessa neste momento, pois, pela primeira vez, está sendo exposta publicamente, no Museu Casa de Portinari, em Brodowski.

É justamente em 1951 que se realiza a primeira edição do principal evento internacional do Brasil, a 1ª. Bienal Internacional de São Paulo. E esta edição reserva uma sala especial para mostrar o trabalho de Portinari, reconhecimento oficial do país ao seu artista maior. Para se ter presente a grandeza das realizações do artista até então, basta saber que os afrescos do edifício Ministério da Educação e Cultura, marco do nosso modernismo arquitetônico, foram realizados entre 1936 e 1944. O painel "A Primeira Missa no Brasil" foi pintado em 1948. E, em 1949, o famoso painel "Tiradentes".

Uma simples gravata neste esplendor de realizações? Talvez Portinari estivesse ajudando um amigo



Objetos pessoais

necessidade de recursos financeiros. Ou, provavelmente, o artista gostasse do desafio de inventar uma peça industrializada. E para ele não havia ação menos ou mais importante, tal a sua constância e dedicação permanente ao trabalho. Portinari já foi chamado de lavrador de quadros. O maior muralista brasileiro entregue ao ato de fazer estudos, guaches e 7 combinações cromáticas, dentro do mesmo padrão gráfico, para possibilitar opções ao cliente de "A Exposição".

O nome do motivo na gravata não é o galo pintado, mas "Alvorada".

Então não é o galo que interessa, mas o canto do galo.

Não é nem mesmo o canto do galo o principal, mas o que anuncia este canto, o futuro, o nascer do dia.

Alvorada.

A obra de Candido Portinari não é ela também uma alvorada?

Eu acho muito sugestiva a associação deste trabalho com um haiku de Buson (1715-1783):

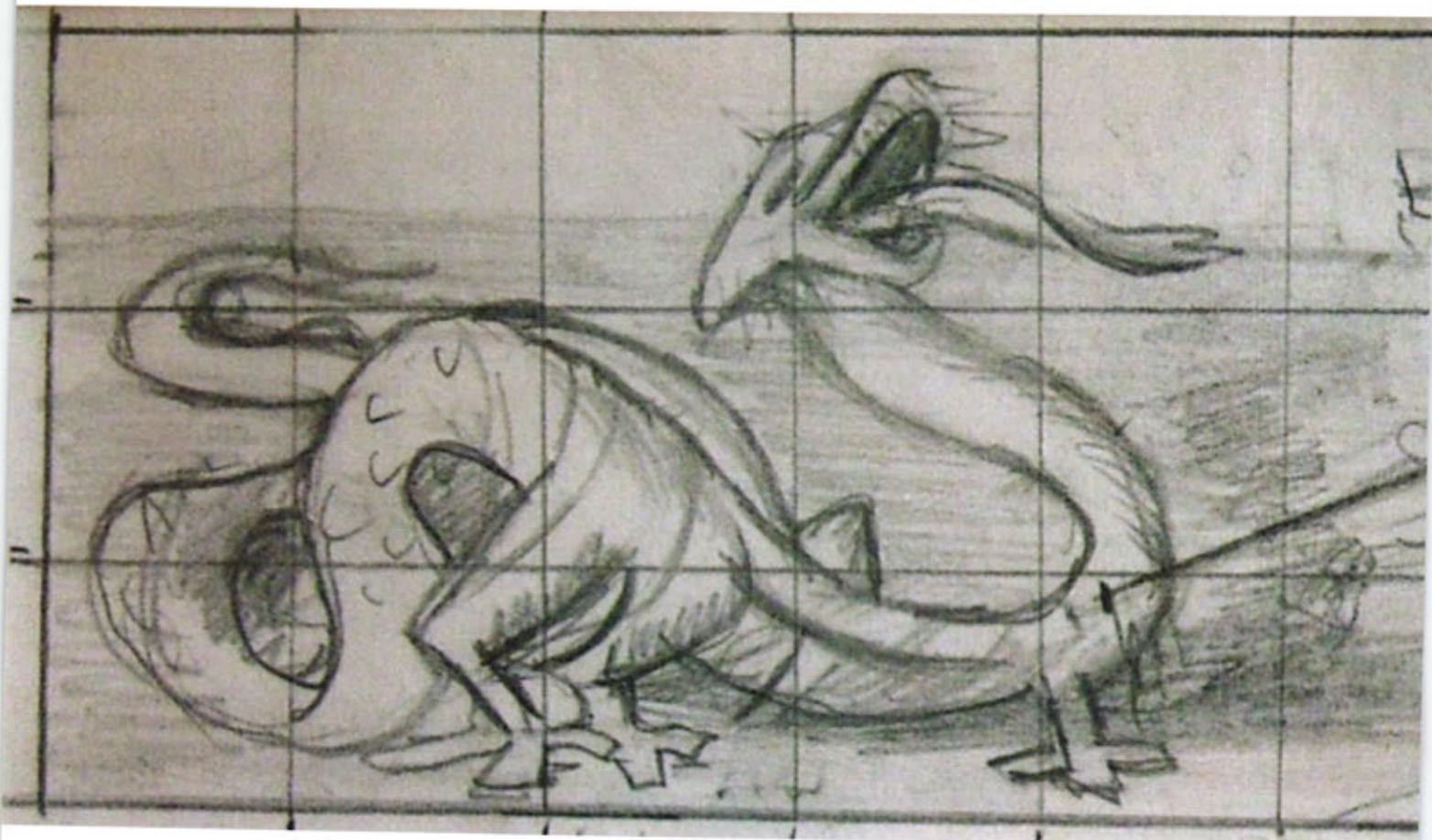
"Lavrando o campo:

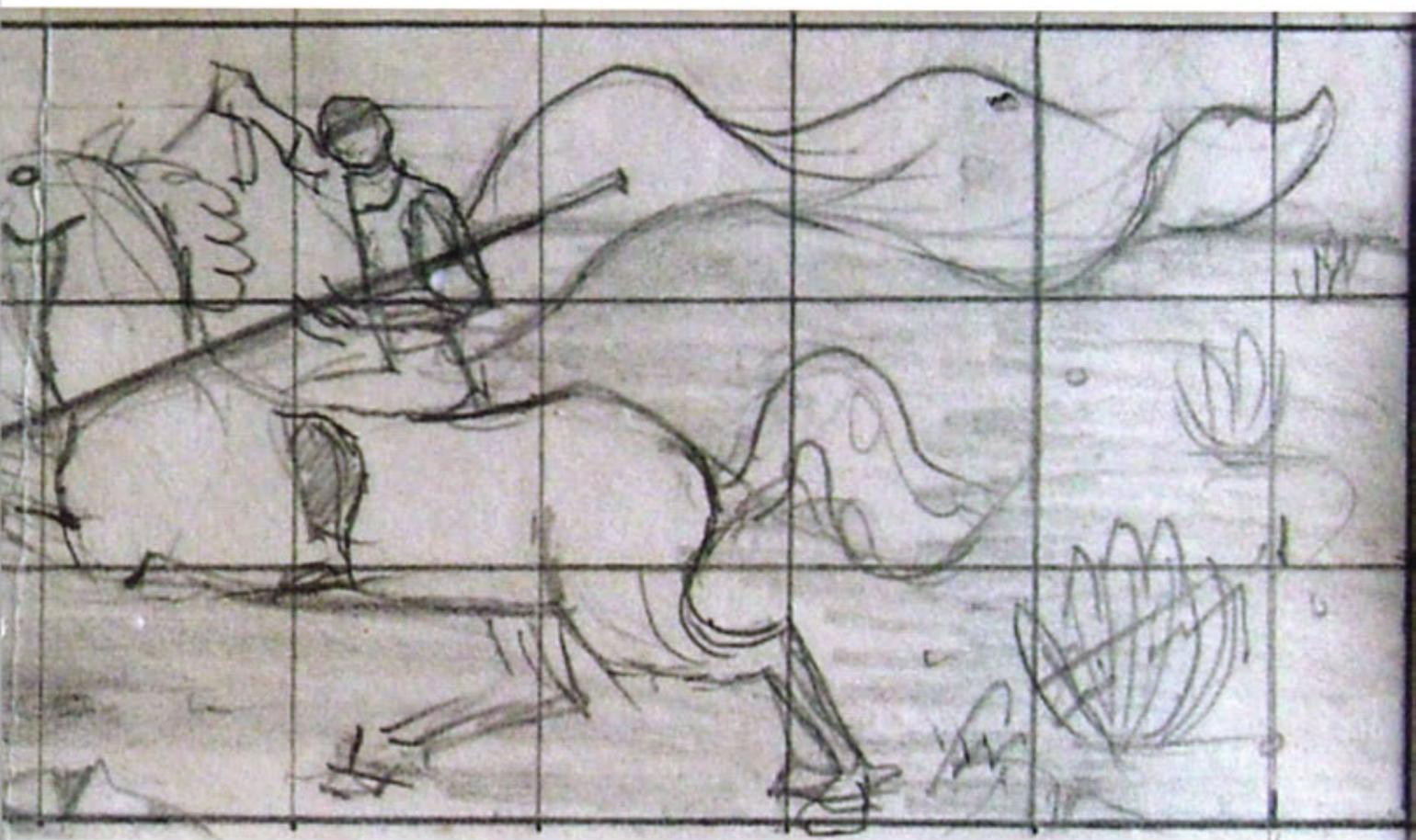
Desde o templo sobre a montanha

O canto do Galo."



Objetos pessoais





São Jorge e o Dragão. 1940.
Lápis s/ papel
6 x 23 cm





São Jorge e o Dragão. 1943.
Pintura mural a têmpera
244 x 61 cm





Cozinha
págs. 70, 71, 72, 73





A CAPELA DA NONNA

Em 1941, já um artista conhecido no mundo inteiro, Candido Portinari transformou um quarto da casa paterna em verdadeira igreja, um local de reza e meditação. Esta "Capela da Nonna" é um dos mais notáveis exemplos da arte religiosa nacional e, apesar do local acanhado, uma adaptação do espaço doméstico, ela transmite a sensação nobre de um espaço de arte e elevação reflexiva. Mais uma vez causa espanto o vigor e a monumentalidade da pintura, se considerarmos a fragilidade física do artista.

A sua avó paterna, Pellegrina, idosa e entrevada, chorava por não poder assistir a missa com a assiduidade habitual. Pois bem, Candinho, como ela o chamava, a consolou: "...Nonna, não chore, que eu pinto uma capelinha pra você." A "Capelinha da Nonna" (vovó em italiano), como ficou conhecida, é um testemunho único de qualidade pictórica, sentimento sacro e amor familiar. O seu pai, em depoimento a Alceu Amoroso Lima, um dos mais importantes críticos literários do Brasil, disse: "... eu não sei se Candinho é bom pintor, que eu não entendo disto. Agora, o que eu sei, é que ele é um bom filho". O artista, marxista, foi o maior pintor de temas sacros do nosso país.

A primeira missa nesta capela foi rezada por Francisco Siino, padre da cidade, com a presença do artista, familiares e amigos. Candido Portinari utilizou a técnica da têmpera e os modelos foram os seus próprios familiares e nela estão pintadas Luzia de Siracusa, São Pedro, São João

Batista, A visitação com a Virgem Maria e sua prima Isabel, Jesus pregando o evangelho, São Francisco de Assis, a Sagrada Família, Santo Antônio de Pádua.

Além da qualidade pictórica, o vigor que a sua pintura sacra manifesta está na nobreza do sentimento imanente. O conceito de generosidade e de amor ao próximo que o artista possuía era esse, o de um ser desprovido de ambições pessoais e desejo de poder sobre os outros homens. Observe-se uma das suas pinturas mais conhecidas, um São Francisco de Assis. Ele é de uma leveza e simplicidade incríveis. É o homem santo porque amoroso com a natureza, irmão dos seres vivos, desprovido de interesses ocultos. É este homem vitorioso contra os apegos, sem posses, cuja característica é o amor ilimitado, o personagem do pintor. O homem sem interesses ocultos. É este homem vitorioso contra os apegos, sem posses, cuja característica é o amor ilimitado, o personagem do pintor. O homem que não deseja poder sobre a natureza e os outros homens. O pássaro, presença constante na representação de São Francisco, forma o corpo da pintura, o seu movimento e cromatismo.

No caso de Candido Portinari, a pintura de tema sacro não é uma representação técnica e fria de motivos tradicionais, mas a interpretação e recriação do sentimento amoroso da vida espiritual e a recuperação do sentido religioso, o re-ligare, o juntar as partes, o tornar o que está no céu igual ao que está na terra, o refazer o nó que une o céu e a terra, a celebração da aliança primordial entre a criatura e o Criador, a manifestação do júbilo do êxtase.



Capela da Nonna. 1941.





Capela da Nonna. 1941.
Altar frontal.
Santa Luzia
Pintura mural a têmpera
161 x 55 cm
São Pedro.
Pintura mural a têmpera
161 x 55 cm

Capela da Nonna. 1941.
Págs. 82 e 83
Santa Luzia e São Pedro. Det



CHRISTO

SALVE

NOS



SALVE



CHR





STO

+ NOS +



Capela da Nonna. 1941.
A visitação. Det.

Págs. 86 e 87
A visitação.
Pintura mural a têmpera
180 x 160 cm.







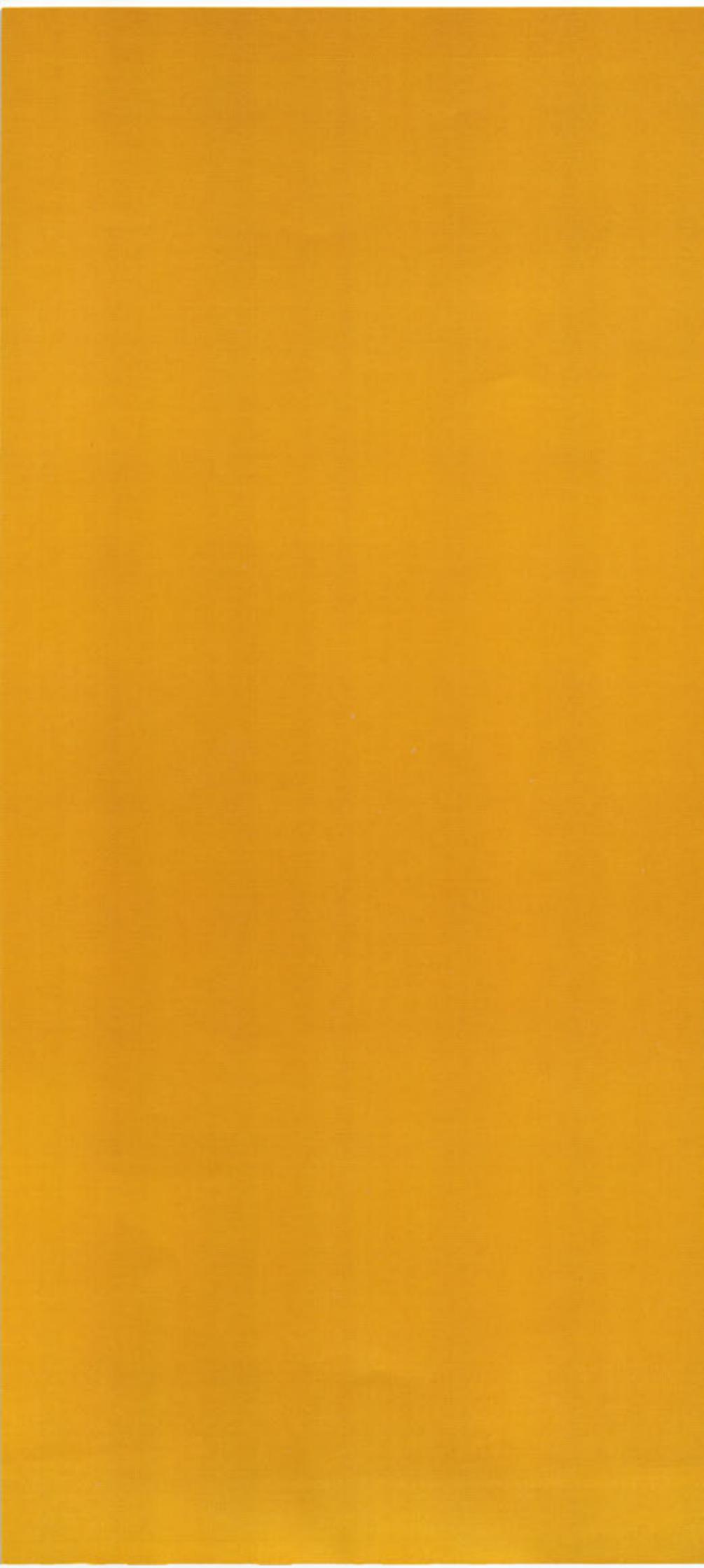
Capela da Nonna. 1941.
Págs. 89, 90 e 95.
A sagrada Família. Det.

Págs. 96 e 97
A Sagrada Família.
Pintura mural a têmpera.
180 x 163 cm













Capela da Nonna. 1941.
São João Batista. Det.

Pág. 97.
São João Batista.
Pintura mural a têmpera
180 x 76 cm





Capela da Nonna. 1941
Jesus Cristo - Det.

Pág. 99.
Jesus Cristo
Pintura mural a têmpera
180 x 71 cm





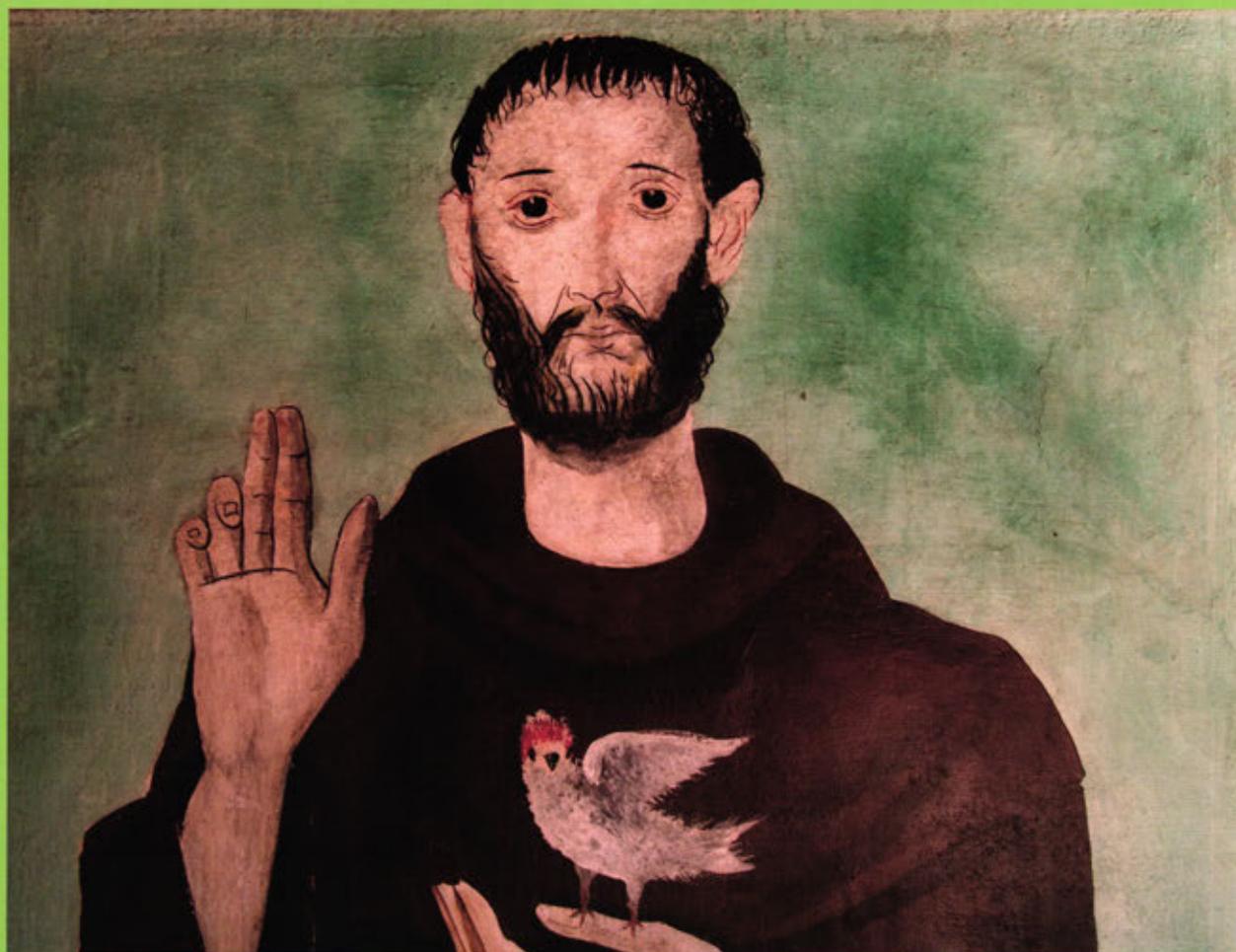
Capela da Nonna. 1941
Santa Luzia- det.

Pág. 101
Santa Luzia
Pintura Mural a têmpera
161 c 55 cm



SALVE

CHR



Capela da Nonna. 1941.
São Francisco de Assis – det.

Pág. 103
São Francisco de Assis
Pintura mural a têmpera
180 x 75 cm





Capela da Nonna. 1941.
São Pedro . det.

Pág. 105
São Pedro
Pintura mural a têmpera
161 x 55 cm





Capela da Nonna. 1941
Santo Antônio de Pádua. Det.

Pág. 107
Santo Antonio de Pádua
Pintura mural a têmpera
114 x 77 cm



Igreja de Santo Antonio, situada na praça
em frente ao Museu Casa de Portinari.
Págs. 108, 109, 110

Igreja de Santo Antonio.
Candido Portinari
Santo Antonio. 1942.
Óleo s/tela
200 x 78 cm
Pág. 111









Os MENINOS DE BRODOWSKI

A extraordinária solenidade dos meninos nos afasta de imediato da idéia preconcebida de que Candido Portinari, piedoso, pinta a infância desamparada. Fosse uma pintura sentimental, neste sentido, ela seria nobre e louvada por sua solidariedade, mas isto não bastaria. O que temos aqui, nestas pinturas de crianças do interior paulista, é um duplo movimento do mesmo vetor. O primeiro, é a qualidade artística que torna a figura emblemática e nos lembra autores inesperados, especialmente um tão diferente, como Velazquez. Em ambos encontramos esta capacidade de tornar a figura infantil em paradigma. Imóvel, severa, concentrada em si mesmo, um modelo de existência real e, ao mesmo tempo, por sua inteireza, eterna. O segundo movimento deste vetor, é a inquietação do contemplador diante da intensidade da vida, a pergunta sobre a natureza da infância e da própria existência. "Meninos de Brodowski", com a sua recusa à demagogia e a opção pela identidade do ser, constrói um dos mais altos momentos da arte brasileira.

Certamente a série dos "Meninos de Brodowski" desperta uma atenção especial, por ser muito conhecida e por registrar a memória do sentimento de fraternidade do artista. É uma série de 22 desenhos de crianças de Brodowski, cidade no interior do estado de São Paulo, tornada mítica pelo paradigma criado por Portinari.

A identidade do artista com a fonte de seu trabalho se deu longe do Brasil, em sua estadia na Europa, quando, impregnado da grande arte que tanto admirava, surpreendeu-se ao falar de um tipo característico de sua pequena cidade, no interior paulista. É naquele momento em que ele percebe o que verdadeiramente viria a ser o veio emocional principal de seu trabalho.



Desta viagem de observação, emerge o que seria o mote de uma vida de pintor brasileiro, como se pode ver nestes três trechos selecionados de suas cartas:

"... Giotto não é grande? Os primitivos não são grandes? Eles viajaram? viram museus ? Creio que não. Eles viveram no meio de seu povo, viveram dentro deles mesmos e mais dentro da sua natureza, portanto..."

"...um caipira... que achava um coqueiro mais bonito que todos os museus..."

"...Palaninho é da minha terra, de Brodósqui. O Palaninho é baixo, muito magro, com a cara mole e esbranquiçada pelo amarelão. Ele tem o aspecto de uma criança seca e doente – não tem expressão – mas a gente, olhando para ele, vê logo que é o Palaninho, por causa do bigode empoeirado e ralo, com algumas falhas...vim conhecer aqui o Palaninho, depois de ter visto tantos museus, tantos castelos e tanta gente civilizada. Aí, no Brasil, nunca pensei no Palaninho... Vou pintar o Palaninho, vou pintar aquela gente com aquela roupa e com aquela cor..."

Na sua última viagem à Europa, já próximo da sua morte, Candido Portinari foi ver o "Cristo", de Grünewald, em Colma, França. O museu está fechando e, apesar de suas súplicas, a segurança não abre as portas para o pintor. Portinari observa a pintura por uma fresta e se impregna desta entrevista beleza e de seu próprio sentimento da infância em Brodósqui e de sua despedida da vida e do universo amado da arte. Ele escreveu este poema, datado de 1.11.1961:

"Morto mas ainda
Caminhando quis te
Ver. Não importa
Se fecharam a entrada

Não quiseram que te visse, maus ventos sopraram.
Vi-te do buraco da luz
Vi-te na asa do sol

Vi-te no espaço como uma
Asa. Vi-te brincando com
As crianças
Vi o circo ao teu redor...

Senti aqueles mesmos ventos
Dos subterrâneos que penetrastes.
Senti-os sob meus pés:
Povoados de assombrações.

Querem escapulir da sombra
No dia de lua nova te
Levei a poeira vermelha do

Meu povoado, era só o que tinha..."

É deste povoado, desta poeira vermelha,
que o sentimento refaz o mito da infância e a alegria que
jamais encontraria entre os adultos, geradores de
incompreensões e de tristeza. Os "Meninos de Brodowski" é
um documento único, memória e testemunho, e fidelidade
ao que vivera e ao que os seus olhos viram. No longo poema,
"O menino e o povoado", balanço da infância, o pintor es-
creve:

'Encantamento. No silêncio podíamos
Perceber o menor ruído
Hora do deslocamento dos
Pequenos lumes... Onde andam
Aqueles meninos, e aquele
Céu luminoso e de festa ?
Os medos desapareciam
Sem nada dizer nos recolhíamos
Tranqüilos..."

Os meninos não desapareceram, ficaram
indelévels na arte de Candido Portinari, para sempre tranqüi-
los e sem medos.

























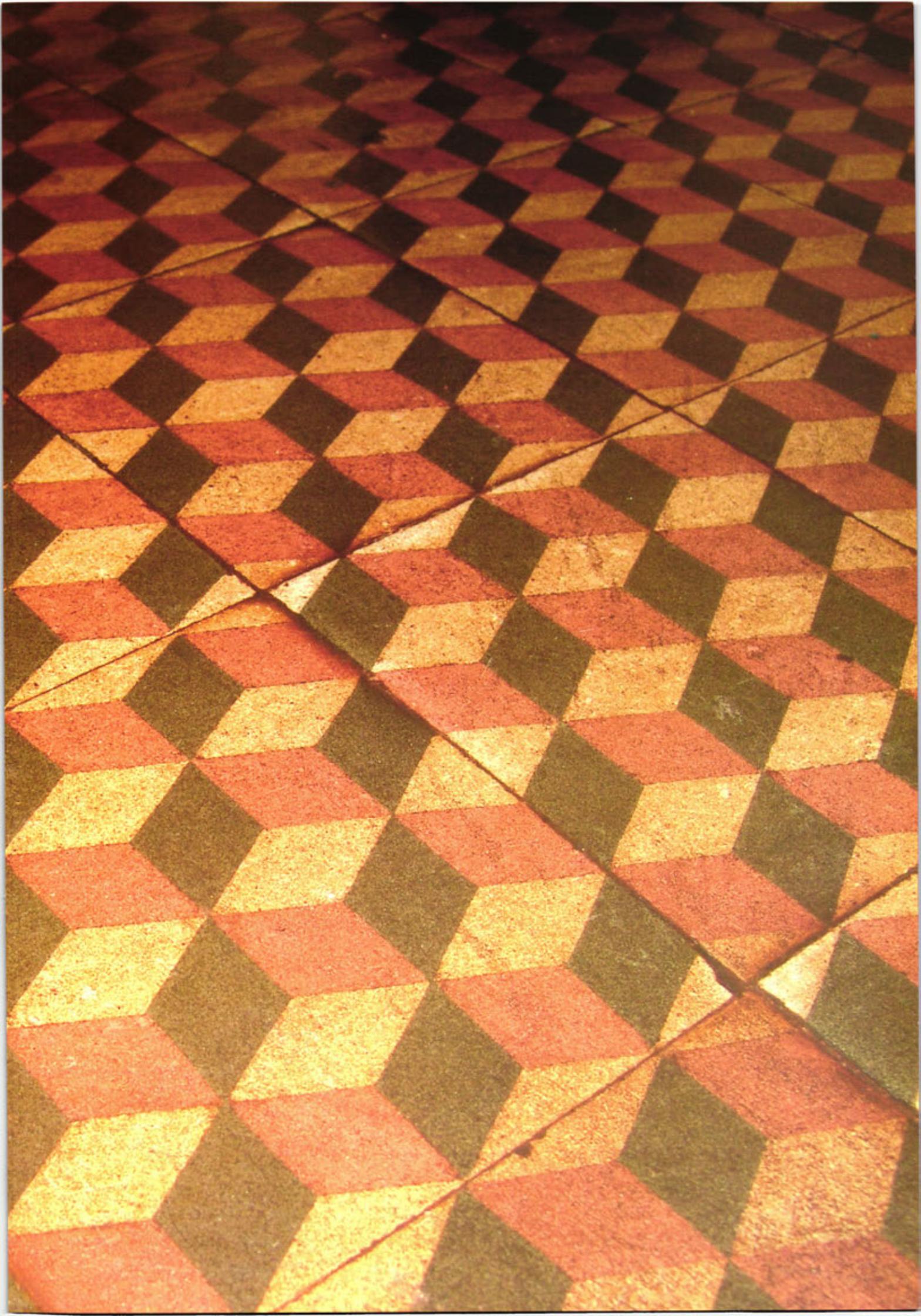












Associação Cultural de Amigos do
Museu Casa de Portinari



Patrocínio

